

FLAUBERT, SAID E O ORIENTALISMO

FLAUBERT, SAID AND ORIENTALISM

Maria Elvira Malaquias de Carvalho
Mestre em Estudos Literários
Universidade Federal de Minas Gerais
(elviralettras@yahoo.com.br)

RESUMO: Em *Orientalismo*, Edward Said analisa de que modo o imaginário ocidental, sobretudo entre os séculos XIX e XX, criou uma grande produção discursiva sobre o Oriente, cujo vocabulário remetia às noções de estranheza, diferença ou sensualidade exótica. Tomado não só como depósito de conhecimentos prévios, mas também como experiência de peregrinação, o fenômeno do orientalismo não se limita à literatura e deve ser visto como uma grande narrativa de abrangência cultural, política e historiográfica. O artigo destaca os comentários de Said sobre Flaubert, escritor que ocupa lugar especial em sua tese sobre o orientalismo, a fim de abordar alguns aspectos que escaparam à argumentação original de Said.

Palavras-chave: Said; Orientalismo; Flaubert

ABSTRACT: In *Orientalism*, Edward Said examines how the Westerns imaginary, especially between the nineteenth and twentieth centuries, has created an extensive discursive production on the East, whose vocabulary is referred to strangeness, difference, and exotic sensuality. Considered not only as a storage of previous knowledge, but also as a pilgrimage experience, the phenomenon of orientalism is not limited to literature and should be understood as a grand narrative text spanning cultural, political and historiographical. The article highlights Said's comments on Flaubert, a writer who plays a special role in his thesis on orientalism, in order to address some aspects that escaped the original argument of Said.

Keywords: Said; Orientalism; Flaubert

A Abou-Mandour, le Nil fait un coude à gauche (rive droite) et de ce côté il y a de hautes berges de sable. Une cange en tartane passe dessus: voilà le vrai Orient, effet mélancolique et endormant; vous pressentez déjà quelque chose d'immense et d'impitoyable au milieu duquel vous êtes perdu.

Gustave Flaubert, *Voyages*, p. 39.

O nome de Edward Said (1935-2003) impõe-se na história do pensamento moderno. Sua biografia, seu percurso acadêmico e seu envolvimento em causas políticas são geralmente associados à figura do intelectual em diáspora. Said foi um palestino escolarizado no Egito, com prenome inglês e passaporte americano, como ele próprio se definia, ou tentava se definir. É justamente a discussão sobre o problema das identidades incertas, ou da dificuldade de

pertencimento a um lar ou a uma nacionalidade única, que torna a obra de Said tão fascinante no contexto do mundo contemporâneo, no qual se aceleram os contatos entre diferentes culturas, modos de vida e civilizações.

Apesar de ser um autor referencial para o desenvolvimento dos estudos culturais, sobretudo em algumas vertentes universitárias criadas nas últimas décadas, o escopo metodológico de Edward Said nunca desprezou a releitura dos clássicos europeus. Ao contrário, seu trabalho investigativo partia do estudo da tradição para encarecer o papel controverso e problemático que obras-primas da literatura possuíam em dado contexto e ainda possuem para os leitores hodiernos. O argumento de Said, em última instância, propunha uma visão não essencialista do cânone, o qual deveria ser entendido sob uma ótica humanista, como vetor histórico, dinâmico e democrático, “aberto a todas as classes e formações, e como um processo de incessante revelação, descoberta, autocrítica e liberação” (SAID, 2007, p. 41).

O grande marco da produção acadêmica de Said é o livro **Orientalismo**. Nesta obra, publicada em 1978, o autor busca compreender como o Ocidente, a partir de uma perspectiva imperialista ou eurocêntrica, foi capaz de atribuir legitimidade a um acervo de lugares-comuns que abarcava conteúdos de representação do Oriente. Edward Said analisa em que medida o imaginário ocidental, sobretudo entre os séculos XIX e XX, criou uma extensa produção discursiva sobre o Oriente, cujo vocabulário, muitas vezes, remetia às noções de estranheza, atraso ou sensualidade exótica. Este regime discursivo, relacionado a um corpo de ideias, crenças e chavões sobre a cultura oriental, é denominado por Said de **orientalismo**:

[...] o orientalismo não é só uma doutrina positiva sobre o Oriente que existe em um momento dado no Ocidente, é também uma influente tradição acadêmica (quando se faz referência a um especialista acadêmico que é chamado de orientalista), e uma área de interesse definida por viajantes, empresas comerciais, governos, expedições militares, leitores de romances e de relatos de aventuras exóticas, historiadores naturais e peregrinos para quem o Oriente é um tipo específico de conhecimento sobre lugares, povos e civilizações específicos. As expressões idiomáticas para o Oriente tornaram-se frequentes, e essas expressões assentaram-se firmemente no discurso europeu. (SAID, 1990, p. 210)

Ainda que seja uma construção artificial, o orientalismo acarretou a depreciação e a distorção de elementos culturais e etnológicos ligados à rubrica Oriente, por si mesma uma designação vaga e difusa, que abarca uma multiplicidade de povos e temporalidades distintas. Tomado não só como depósito de conhecimentos prévios, mas também como experiência de peregrinação, o fenômeno do orientalismo nunca se limitou à literatura e deve ser visto como uma grande narrativa de abrangência política, comercial e historiográfica. Um dos desenvolvimentos mais importantes do orientalismo do século XIX foi a atitude, consciente ou inconsciente, de orientalizar o Oriente, isto é, de atribuir caráter de diferença ou bizarria àquilo que se supunha próprio do Oriente: “sua sensualidade, sua tendência ao despotismo, sua mentalidade aberrante, seus hábitos de imprecisão, seu atraso” (SAID, 1990, p. 211), como indica Said.

O orientalismo consiste em uma invenção ocidental, sustentada pela manipulação e domesticação do Oriente, mediante operações que formaram “um simulacro do Oriente” e o reproduziram materialmente “para o Ocidente, no Ocidente” (SAID, 1990, p. 174). Deste modo, o Oriente foi transformado em “uma espécie de museu imaginário sem paredes”, disponível para uso ocidental, primeiramente por fragmentos de experiências de viagem trazidas por “exploradores, expedições, comissões, exércitos e mercadores”, em seguida, por sua conversão em um saber institucionalizado, “bibliográfico, departamentalizado e **textualizado**” (SAID, 1990, p. 174, grifo do autor).

Depois de Napoleão Bonaparte, como nos explica Said, o Oriente tornou-se um local obrigatório de peregrinação para muitos artistas europeus, sobretudo ingleses e franceses. De modo geral, a Europa compartilhava certa “ideia romântica de uma reconstrução restauradora” (SAID, 1990, p. 176) em relação ao Oriente. Os peregrinos franceses do século XIX, principalmente os “peregrinos literários”, (SAID, 1990, p. 178) buscariam em terras orientais a confirmação de uma paisagem exótica, a qual pudesse alimentar “mitos, obsessões e necessidades particulares” (SAID, 1990, p. 178) que o imaginário artístico elaborava sobre tais lugares.

Gustave Flaubert (1821-1880), escritor que passou por terras do Oriente e cujas impressões de viagem ficaram registradas em sua **Correspondência** e no volume *Voyages*, tem lugar de destaque na obra de Said. Embora o crítico saliente diferenças consideráveis entre as motivações apresentadas por escritores,

intelectuais e políticos ocidentais que, de algum modo, dedicaram-se à temática do Oriente, haveria, segundo Said, um regime comum de tratamento que permanece no discurso do orientalismo:

Todos mantiveram intacta a separação do Oriente, a sua excentricidade, o seu atraso, a sua silenciosa indiferença, a sua feminina penetrabilidade, a sua apática maleabilidade; é por isso que todos os que escreveram sobre o Oriente, de Renan a Marx (falando ideologicamente), ou dos estudiosos mais rigorosos (Lane e Sacy) às mais poderosas imaginações (Flaubert e Nerval), viam o Oriente como um lugar que precisava da atenção, da reconstrução e até mesmo da redenção ocidental. O Oriente existia como um lugar separado da corrente principal do progresso europeu nas ciências, artes e comércio. (SAID, 1990, p. 212)

No entanto, a relação entre viagem e texto não é idêntica entre as personalidades elencadas por Said. Flaubert, antes de ser um dos muitos viajantes que estiveram em terras orientais com objetivo de exploração, é um escritor interessado em descrever esteticamente sua experiência e, conseqüentemente, corromper o modelo dos escritos de viagem tradicionais. Tal desvio em relação às narrativas ortodoxas de viajantes se daria porque Flaubert não cogitava em publicar suas notas de viagem, as quais se compunham majoritariamente de registros pessoais, informais ou cartas destinadas a correspondentes na França. A propósito de *Voyages*, Michel Butor trata de salientar, primeiramente, a posição do turista e o modo como a produção textual deste último se destina a corroborar o já dito. Butor encarece a diferença de escrita entre o viajante que é também escritor e o viajante que não é escritor e que apenas se atém às trivialidades dos relatos de viagem:

Se o viajante não é escritor, ele haverá de se conformar facilmente, jamais agitado pelo desejo de escrever um texto diferente daquele que o mandam fazer. Ele poderá salpicar sua viagem com um pouco de escrita, mas isso geralmente se limitará a algumas cartas à família e cartões postais aos amigos, nos quais se constata, antes de tudo, que as coisas se passam em conformidade com o modelo: “cheguei a Sevilha ontem à tarde, a catedral é maravilhosa”. O escritor — eu não me refiro ao repórter —, este sim, vai viajar em parte para escrever um texto, e um texto diferente. Esta preocupação vai organizar seu trajeto, ele cometerá infrações e mais infrações ao modelo. (BUTOR, 2005, p. 41-42 tradução minha)¹

¹ Si le voyageur n'est pas écrivain, il se conformera facilement, nullement agité par le besoin d'écrire un autre texte que ceux qui le dirigent. Il pourra parsemer son voyage d'un peu d'écriture, mais cela se bornera généralement à quelques lettres à la famille et cartes postales aux amis dans lesquelles on constate avant tout que les choses se passent conformément au modèle: “arrivé à Séville hier soir;

Em várias ocasiões, Said refere-se à obra de Flaubert, cotejando-a com a produção de outros compatriotas, como Lamartine e Nerval. É inegável que o Oriente tenha fascinado toda a geração romântica, anterior à de Flaubert, de modo a constituir um grande lastro de influência tanto na literatura quanto na pintura. Porém, é interessante notar a atenção que Said demonstra pelo caso de Flaubert, pois esta particularidade parece indicar que o romancista normando ocuparia um posto curiosamente paradigmático e excepcional, no que concerne à argumentação que o crítico desenvolve a propósito do orientalismo.

Logo no início do livro, Said apresenta a questão da orientalização do Oriente, por meio do processo de estereotipia da mulher oriental pelo imaginário masculino ocidental. Ao comentar o modo pelo qual Flaubert tornou célebre, para seus leitores, a dançarina egípcia Kuchuk Hanem, o autor tece uma importante analogia entre mulher e Oriente, observando como o ponto de vista do homem europeu representou e definiu o outro, sem dar voz ou autonomia suficientes para a alteridade representar-se a si mesma.

O Oriente foi orientalizado não só porque se descobriu que ele era “oriental” em todos aqueles aspectos considerados como lugares-comuns por um europeu médio do século XIX, mas também porque *podia ser* – isto é, permitia ser – *feito* oriental. Há muito pouca anuência, por exemplo, no fato de que o encontro de Flaubert com uma cortesã egípcia tenha produzido um modelo amplamente influente da mulher oriental; ela nunca falou de si mesma, nunca representou suas emoções, presença ou história. *Ele* falou por ela e a representou. Ele era estrangeiro, comparativamente rico, homem, e estes eram fatos históricos de dominação que permitiram não apenas que ele possuísse Kuchuk Hanem fisicamente como também que ele falasse por ela e contasse aos seus leitores de que maneira ela era “tipicamente oriental”. Minha argumentação é que a situação de força de Flaubert em relação a Kuchuk Hanem não é um exemplo isolado. É uma representação passável do padrão de força relativa entre o Leste e o Oeste, e do discurso sobre o Oriente que esse padrão permitia. (SAID, 1990, p. 17-18, grifos do autor)

A respeito do papel que coube a Kuchuk Hanem no discurso de Flaubert, Butor corrobora a percepção de Edward Said acima exposta, mas sem o viés de desaprovação contido na fala deste último, e apenas define a dançarina egípcia

la cathédrale est merveilleuse”. L'écrivain, lui, va voyager en partie pour écrire un texte, et un texte différent; je ne parle pas du reporter. Ce souci va organiser son trajet: il fera entorse sur entorse au modèle.

como “uma mulher escrita, portanto uma figura da literatura” (BUTOR, 2005, p. 62 - tradução minha)². Que Hanem realmente tenha existido, do modo como Flaubert a descreveu, é o que menos importa para Butor, na medida em que ela e todo o Oriente se transformam em matéria ficcional a ser elaborada pelo imaginário do escritor e de seus leitores.

Said constata que há um modo de apreensão do Oriente eminentemente corporal em Flaubert. “Perpassando toda a experiência oriental de Flaubert, excitante ou decepcionante, está uma associação quase uniforme entre o Oriente e o sexo” (SAID, 1990, p. 195). As notas de viagem e a correspondência do período em que o romancista esteve pela primeira vez no Oriente confirmam a observação de Said. Entre novembro de 1849 e dezembro de 1850, Flaubert e Maxime Du Camp estiveram no Egito, na Palestina, na Síria, no Líbano e na atual Turquia. As declarações flaubertianas recaem insistentemente sobre elementos de ordem sexual e corporal, mas Said considera que “Flaubert não foi o primeiro nem o mais exagerado dos exemplos de um motivo notavelmente persistente nas atitudes ocidentais para com o Oriente” (SAID, 1990, p. 195).

A viagem que Flaubert e seu amigo Maxime Du Camp realizaram aos desertos da Síria e do Egito, entre outros locais de peregrinação, não teve finalidade religiosa. Para Flaubert, ela se destinava, em primeiro lugar, à coleta de dados, conforme uma missão recebida da parte do Ministério da Agricultura e do Comércio da França. Enquanto o carreirista Du Camp teria visto, na viagem, uma excelente oportunidade para ingressar na *Société Orientale*, o “alegremente individualista” Flaubert, “recusando todas as formas de obrigação socioprofissionais” (MOUSSA, 2010, p. 104 - tradução minha),³ como assinala Sarga Moussa, fez da experiência no deserto “um tipo de laboratório estético” (MOUSSA, 2010, p. 109 tradução minha)⁴ formidável para sua obra literária por vir.

Para Said, Flaubert demonstraria grande conhecimento teórico do Oriente, isto é, “uma volumosa leitura dos clássicos, de literatura moderna e de

² C'est une femme écrite, donc encore une figure de la littérature.

³ Cette opposition entre un Du Camp opportuniste, désireux d'être à la hauteur de la Société Orientale, dont il était devenu depuis peu un membre titulaire, et un Flaubert joyeusement individualiste, récusant toute forme de contraintes socio-professionnelles, explique en partie la brouille des deux amis qui résulte de ce voyage.

⁴ Ses lettres de voyage peuvent ainsi être lues, rétrospectivement, comme une sorte de laboratoire esthétique dont les notes constitueraient le premier degré d'élaboration.

orientalismo acadêmico” (SAID, 2010, p. 187). Nota-se que este conhecimento bibliográfico do Oriente foi sendo parodiado ao longo da obra de Flaubert, na qual ecos do orientalismo irrompem com maior ou menor qualidade crítica ou estética:

Os escritos de Flaubert, antes e depois da sua viagem, estão impregnados de Oriente. Este aparece nos *Carnets de Voyages* [Cadernos de Viagem] e na primeira versão de *La tentation de Saint Antoine* [A tentação de Santo Antônio] e nas duas versões posteriores, bem como em *Hérodias*, *Salammbô*, e nas numerosas notas de leitura, roteiros e estórias inacabadas que ainda estão à nossa disposição. (SAID, 1990, p 188)

Du Camp, dotado de senso prático e de boas relações, fora encarregado de uma missão arqueológica no Oriente pelo Ministério da Instrução Pública da França. Ele teria em mente a futura publicação dos registros de viagem, acrescidos de fotografias dos lugares visitados. Técnica moderna, a fotografia era, naquela altura, uma efervescente novidade e daria aos escritos credibilidade e verossimilhança. Du Camp tinha pretensões de fazer um relato documental do Oriente, ao passo que as observações de Flaubert, contidas na *Correspondência* e em sua obra *Voyage en Orient*, são poéticas, banais ou irônicas, e se misturam a comentários sobre arte, política etc. O mais interessante dessas impressões são os detalhes do texto de Flaubert, geralmente captados em fragmentos sintéticos, como nesses dados relativos ao desembarque em Beirute:

Sexta-feira, 19: Partida do *Alexandra* às 7 horas da manhã. Voz do timoneiro do nosso barco, que me lembra a do mercador de ervas. Levamos conosco uma mocinha alsaciana, que vai se encontrar com seu noivo em Jerusalém, e um jovem alemão de óculos, que a acompanha. Desembarque, confusão e raiva; burrice das sentinelas em geral e do chefe da guarda do lazareto de Beirute em particular. O médico leva um banho – seu dinheiro e seu chapéu de palha na água. Dá-se um jeito. Vento forte no lazareto. À tarde, banho de mar. Que mar! Líbano coroado de nuvens, cigarras que saltam nas sarças. (FLAUBERT, 1948, p. 181 tradução minha)⁵

⁵ Vendredi, 19: Départ de l'*Alexandra* à 7 heures du matin. Voix du timonier de notre barque qui me rappelle celle du marchand de mouton. Nous prenons avec nous une petite Alsacienne qui va rejoindre son fiancé à Jérusalem et un jeune Allemand en lunettes qui l'accompagne. Débarquement, embarras et colère; bêtise des lazarets en general et du chef gardien du lazaret de Beyrouth en particulier. Le docteur du bord prend un bain – sa balle avec son chapeau de paille dans l'eau. – On s'arrange. Grand vent dans le lazaret. Le soir, bain de mer; quelle mer! Liban couronné de nuages, cigales qui sautent dans le buissons.

Ao longo de sua passagem pelo Oriente, Flaubert, de fato, escreve pouco e medita muito “sobre si mesmo, sua arte e seu futuro” (WINOCK, 2013, p. 144 - tradução minha),⁶ como avalia Michel Winock, em recente biografia sobre o romancista francês. O biógrafo alega também que essa grande viagem impulsionou em Flaubert seu senso crítico, seu ódio contra a *bêtise* e seu desprezo pela humanidade – alegação que não toma como fundamento a depreciação pura e simples do Oriente em relação ao Ocidente, já que, “de sua viagem, Flaubert não retirou, de modo algum, um modelo de civilização” (WINOCK, 2013, p. 146 tradução minha).⁷

Quer seja pela excelência da prosa flaubertiana, quer seja pelo fato de que Flaubert tenha atribuído um “uso pessoal e estético” (SAID, 1990, p. 187) à visita ao Oriente, abandonando-se ao ócio e à observação da paisagem e do povo local, Said vê-se obrigado a ressaltar certa dificuldade em lidar com as representações de alteridade advindas de seus textos. “A obra de Flaubert é tão complexa e tão vasta que torna qualquer simples relato dos seus escritos orientais muito superficial e desesperadoramente incompleto” (SAID, 1990, p. 192).

Os apontamentos de Said sobre a obra ficcional de Flaubert referem-se, sobretudo, à ideia do Oriente como potência para o escapismo da fantasia sexual. Ao mesmo tempo, deve-se admitir que o orientalismo flaubertiano, por assim dizer, conseguiu diferenciar-se do orientalismo ortodoxo, uma vez que a escrita de Flaubert possui elevada beleza estilística. É impossível, portanto, não levar em consideração a maneira pela qual o romancista opera uma reelaboração do Oriente, como indica Said:

A Bibliothèque des idées reçues [Biblioteca das ideias feitas] diz que um orientalista é “um homem que viajou muito”, só que, ao contrário da maioria de tais viajantes, Flaubert deu às suas viagens um emprego engenhoso. A maior parte das suas experiências é transmitida em forma teatral. Ele não está interessado apenas no conteúdo daquilo que vê, mas – como Renan – em *como* ele vê, a maneira pela qual o Oriente, algumas vezes de maneira horrível, mas sempre atraente, parece apresentar-se a ele. O próprio Flaubert é o melhor público do Oriente. (SAID, 1990, p. 193, grifo do autor)

⁶ Au cours de ce grand voyage, Flaubert n’a pratiquement rien écrit, sinon une profusion de notes et un texte assez bref, “La Cange”, qu’il inclura dans son *Voyage en Égypte*. Cependant il a beaucoup médité sur lui, sur son art, sur son avenir.

⁷ De son voyage, Flaubert n’a nullement rapporté un modèle de civilisation.

A tentativa de distinguir a obra ficcional dos textos de caráter francamente pessoal, como cartas e notas de viagem, não parece levar Said a conclusões muito precisas quanto ao lugar de Flaubert no panorama do orientalismo. Levando em conta a totalidade dos registros textuais utilizados pelo romancista, persiste a ambiguidade de um argumento que tanto serve para afirmar a suprema importância de Flaubert para a compreensão da mente orientalista do século XIX quanto para instituir seu desvio em relação ao orientalismo oficial. Os trechos a seguir, citados de uma carta de 19 de dezembro de 1850, podem ilustrar um tipo de apreensão crítica do Oriente cuja perspectiva destoa dos modos típicos de formalização do fenômeno do orientalismo:

Passamos cinco semanas em Constantinopla, seria preciso passar seis meses. Apesar do mau tempo, passeamos bastante nos bazares, nas ruas, de caiaque, a cavalo. Vimos o sultão. Estivemos no bordel e também no teatro, onde se representava um balé: *O Triunfo do Amor*. Um deus Pan ali dançava um passo pitoresco, metido em calções de veludo com suspensórios, e as dançarinas executavam, nas barbas dos armênios, gregos e turcos, um canção dos mais frenéticos. O público tomava a coisa a sério e pasmava, todo contente. (FLAUBERT, 2000, p. 192)

Há um aspecto que impressiona nos relatos de Flaubert e que talvez escape à análise de Said. Trata-se de certa desconstrução do Oriente, a qual inclui uma negação das expectativas quanto às disposições de conhecimentos, prazeres, admirações e senso estético simuladas pelo orientalismo vigente. O acento dissonante sobre as representações do Oriente é explicitado pela apresentação de uma paisagem oriental tomada como decalque grotesco de símbolos culturais ou comportamentos europeus, como outros trechos da mesma carta continuam a demonstrar, de modo franco e direto:

Num outro bordel, fodemos gregas e armênias razoáveis. A casa era mantida por uma antiga amante do nosso *drogman*. Lá estávamos à vontade. Nas paredes havia gravuras sentimentais e cenas da vida de Heloísa e Abelardo com o texto explicativo em francês e em espanhol. – Ô Oriente, onde estás tu? – Não estará em breve exceto no sol. Em Constantinopla, a maior parte dos homens veste-se à moda europeia, ali se encena a ópera, há gabinetes de leitura, modistas etc! Daqui a cem anos, o harém, invadido gradualmente por mulheres liberais, aniquilar-se-á por si só, sob o folhetim e a comédia musical. Em breve, o véu, já cada vez mais delgado, abandonará o

rosto das mulheres, e o muçulmanismo com ele desaparecerá inteiramente. Em Meca, o número de peregrinos diminui dia a dia. Os ulemás se embebedam como suíços. Fala-se de Voltaire! Tudo se abala aqui, como entre nós. Quem viver se divertirá! (FLAUBERT, 2000, p. 195-196)

Edmund Wilson (1895-1972) deve ter sido um dos primeiros ensaístas a localizar a singularidade da obra de Flaubert em relação às categorias usuais de representação do Oriente empregadas pela literatura romântica. Antes mesmo de Said, Wilson percebera corretamente que a fascinante congenialidade de Flaubert consistia na projeção do romancista como “um escritor imaginativo, do tipo que trabalha dramaticamente com imagens e não em absoluto com ideias” (WILSON, 1991, p. 268). Não obstante a dificuldade de atribuir significados politicamente monolíticos às declarações nada dogmáticas de Flaubert, o ensaísta americano ressalta a importância da análise dos processos sociais em sua obra ficcional, sobretudo em romances como *Madame Bovary* e *A educação sentimental*, nos quais o autor investe contra a sociedade burguesa e o indivíduo romântico iludido com seus sonhos.

O que isola Flaubert dos outros românticos e o torna fundamentalmente um crítico social é sua impiedosa compreensão da futilidade de sonhar com os esplendores do Oriente e os belos dias do passado como um antídoto para a sociedade burguesa. (WILSON, 1991, p. 270)

A vontade de desmitificar o Oriente, manifesta por Flaubert em sua crítica ao estilo de vida burguês oitocentista, converte-se em franca oposição ou polêmica em relação às representações de alteridade esperadas pelo discurso oficial do orientalismo. O próprio Said admite que o alcance da obra oriental de Flaubert “vai além dos limites impostos pelo orientalismo ortodoxo” (SAID, 1990, p. 189). Não mais o deslumbramento com a estranheza e a diferença do Oriente, mas sim a aguda decepção com o encontro de elementos familiares, deslocados e banalizados em terra alheia. A propósito, registrem-se os comentários de Flaubert, ao chegar à pirâmide de Quéfren, no Egito, e deparar com vestígios de inscrições deixadas por visitantes no interior do monumento:

Fica-se irritado com a quantidade de nomes de imbecis escritos por todo o lado: ao alto da Grande Pirâmide há um Buffard, rua Saint-Martin, nº 79, fabricante de papel de parede, em letras negras; um inglês entusiasta anotou Jenny Lind; além disso, uma pera representando Louis-Philippe (quase todos nomes modernos); e o jogo árabe, paralelogramo revestido de pequenos orifícios, colocam-se pedrinhas nos buracos, funciona como um cálculo. (FLAUBERT, 1948, p. 52-53 tradução minha)⁸

Simultaneamente ao problema da orientalização do Oriente, largamente discutido por Said, surge aqui a denúncia de um movimento crescente de ocidentalização do Oriente. Tudo “por causa do *progresso*” (FLAUBERT, 2010, p. 196, grifo do autor), como Flaubert adorava sentenciar. Se suas previsões parecem um tanto equivocadas, sobretudo aquela a respeito da emancipação da mulher na cultura islâmica, a crítica a elas subjacente aponta o modo pelo qual o Oriente, a partir do nascimento da indústria moderna do turismo, passa a incorporar signos de culturas estrangeiras e oferecer aos viajantes ocidentais a possibilidade de desfrutar confortavelmente os requintes de sua própria cultura em um Oriente já não tão orientalizado.

Referências

BUTOR, M. À propos des “Voyages”. In: _____. **Improvisations sur Flaubert**. 2 ed. rev. Paris: Éditions de la Différence, 2005. p. 41-74.

FLAUBERT, G. **Novembro**: seguido de treze cartas do Oriente a Louis Bouilhet. Tradução, introdução e notas de Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2000. 220 p.

_____. **Voyages**. Paris: Société les Belles Lettres, 1948. [2º Tomo: Voyage en Orient] 603 p.

MOUSSA, S. Flaubert et Du Camp au désert. In: NEEFS, J. (org.) **Savoirs en récit II: Balzac, Nerval, Flaubert, Verne, les Goncourt**. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 2010, p. 103-118.

SAID, E. W. **Humanismo e crítica democrática**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 183 p.

⁸On est irrité par la quantité de noms d'imbéciles écrits partout: en haut de la Grande Pyramide il y a un Buffard, 79, rue Saint-Martin, fabricant de papiers peints, en lettres noires; un Anglais enthousiaste a écrit Jenny Lind; de plus, une poire représentant Louis-Philippe (presque tous noms modernes), et le jeu arabe, parallélogramme garni de petits trous; on met de petits cailloux dans les trous, c'est un calcul.

____. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 370 p.

WILSON, E. A política de Flaubert. In: _____. **11 ensaios**: literatura, política, história. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 266-278.

WINOCK, M. **Flaubert**. Paris: Gallimard, 2013. 539 p.

Recebido em 28 de fevereiro de 2014
Aprovado em 22 de setembro de 2014